

CADERNO DE POESIA I

*Isaac Ramos*¹**CARDÁPIO LÍRICO**

Sirva-me tua concha molhada de versos
Sirva-me um verbo lambuzado de gestos
Sorva-me em gotas como delírios poéticos
Embriga-te com lírios
Enquanto tocas liras inconfessas.

CASCATAS

O rio serpenteia a lua imaculada
No regaço da noite a mancha do néctar
Deságua cascatas em nádegas alvoradas.

CONCHAS DE SILÊNCIO

Visto a praia com conchas de silêncio
Solto um grito de verso
Que escorre
Nas areias do meu deserto...
O oásis contagia-me de sinestésias.

DOCE METÁFORA

O teu canto é uma nota solta
O teu grito uma carícia frouxa
O teu pranto uma gota louca
Mas o que mais admiro em você
É esse incrível sabor de metáfora.

¹ Poeta e ensaísta. Doutorando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. FFLCH-USP.

Ó DIA DA CRIAÇÃO

Deus criou o mundo, os sonhos e o paraíso
Mas, por via das dúvidas, reservou o inferno
Para os pecadores e para os poetas
O purgatório ele destinou
Aos bedéis
E o céu (que novidade!)
Aos que não se impregnaram de fel.

Nenhuma costela retirada de Adão
Justificou até hoje ritmos dissolutos
Nenhum pedaço mordido da maçã
Ajudou a consertar rimas perdidas
Nenhum ser feito de pó
Ao pó voltará sem ter feito a lição
Por isso, trair, coçar e comentar...
Nem os poetas escapam desse estrupício!

Ó ritmo altissonante!
Ó turba de carpideiras!
Vibrem estoicamente sobre a tumba
Desses versos fagueiros
Senhor Deus dos desgraçados!
Zele pelas viúvas sem xale
Olhe pelas mulheres desenganadas
Sem cor, sem pudicícia, sem nada
Porque, como diria Vinicius,
Os homens não prestam, não prestam!...
Mas emplastram prazeres de graça.

Senhor Deus dos alucinados!
Oriente os enfermos que sofreram baixas
Nas suas paixões tácitas
Repreenda todos os casados de plantão
Que se dizem solteiros
Incrimine todos os homens
Que não cederam uma de suas costelas
Para formar o suposto par perfeito
E se ainda assim
Alguma paixão encubada sobreviver
Risque do mapa Sodoma e Gomorra
E afogue todos em mágoas
Num tonel de vinho do Porto.

Ó musas bacantes,
Desejem todos os homens errantes!
Digníssimas amadas e amantes,
Sejam manjares para olhos vibrantes

Todavia cuidado com os espíritos de sicofantas
E o que dizer para os apaixonados periclitantes?
Sejam passíveis sem serem irritantes
Enfim, poetas alcoviteiros
Sirvam a Baco, Dionísio e Helena
Mas não se esqueçam do barqueiro
Porque ele cobra o dobro
Sobre o gozo alheio.

Ó divino dia da criação!...
Benditas sejam as metáforas
Que escorreram nos seios da poesia adúltera
Benditos sejam os prazeres mundanos
Pois quanto mais o homem os comete
Mais o Senhor tem motivos
Para descansar no sétimo dia.

Quem perdeu a chave do Éden?...
Teria sido um homem pouco exigente
Ou seria um poeta feito exegeta?
Complicar... complicar... compre já
A fórmula do amor perfeito
Caso dê defeito
Acione o PROCOM
(Procuradoria da Comichão)
Porque afinal somos todos um pouco fingidores
De louco e de poeta
Cada um carrega seu trono
E ainda voa fora da asa.

ÚLTIMO POEMA

Sangro centelhas líquidas e dementes
Deságuo em uma mulher exposta ao seu holocausto
Absorvo-a em doses duplas de pecado
Sirvo-me no seu cálice rubro de recato.

Bebo-a em sacrifício silente
Mordo enseadas úmidas de metáforas
Extasio-me na tinta verde dos seus olhos tintos
Liquefaço-me em ritmos que a delíam.

Gota a gota embebo-a em venenos
Retiro dela o mais puro antídoto
Que evapora nas dobras de um poema
Enquanto escrevo nela o dilema da minha poesia.